

Pensamento linguístico no Brasil Quinhentista através da carta “Ao Geral Lainez, de Piratininga, março de 1562, recebida em Lisboa a 20 de setembro do dito ano” de José de Anchieta

Anderson Lucas Macedo
Viviane Lourenço Teixeira

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal trazer uma proposta de leitura, ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos Historiografia da Linguística, da carta escrita pelo padre José de Anchieta intitulada “Ao Geral Lainez, de Piratininga, março de 1562, recebida em Lisboa a 20 de setembro do dito ano”. Por meio da análise da mensagem em questão, também se deseja compreender e descortinar o pensamento linguístico presente no Brasil quinhentista. Para que os objetivos sejam alcançados, este texto aborda o tema do Humanismo, movimento histórico-intelectual da época citada, e traz ainda uma breve biografia do autor da carta com o intuito de oferecer aos leitores uma contextualização apropriada.

Palavras-chave: Historiografia linguística. José de Anchieta. Humanismo.

O Humanismo e as Grandes Navegações

Considera-se importante, inicialmente, abordar o tema do empreendimento luso-espanhol de navegação, ainda no século XV, como formador do pano de fundo desta pesquisa, além de apreciar o tema Humanismo. Com o advento do movimento histórico-cultural-ideológico conhecido como Renascimento, o modelo de expansão territorial tornou-se bastante forte no cenário europeu, sobretudo na Península Ibérica. Uma

nova perspectiva sobre a realidade e sobre civilização foi construída graças ao Humanismo. Um dos reflexos disso foi uma definição de colonização, que obviamente levou à colonização do Brasil (KALTNER, 2009).

O Humanismo pode ser conceituado como um “movimento intelectual e espiritual renascentista que se manifestou, inicialmente, entre os séculos XIV e XVI, e marca-se, pois, seu surgimento na Itália com o poeta Petrarca (1304-1374), como foi supracitado” (KALTNER, 2009, p. 20). E, ainda, “trata-se de um fenômeno cultural complexo, em íntima conexão com o desenvolvimento das sociedades civis, de um e outro lado dos Alpes, e com a acumulação dos conhecimentos clássicos processada ao longo da Idade Média e acelerada na parte final desta” (RODRIGUES, 1981).

Nesse mundo onde o Humanismo prevalecia, duas características dessa corrente merecem ser assinaladas: a disseminação de livros e o florescimento das artes. Os novos valores trazidos pelo movimento citado renovam as artes da cultura portuguesa. Nas artes plásticas, as emoções humanas ganham espaço e ênfase; personagens bíblicos são retratados na presença de seres pertencentes à religiosidade greco-romana; a música torna-se polifônica; e os cenários bucólicos concorrem com os espaços urbanos. Custeados pela burguesia, os artistas, que gradativamente se tornavam independentes da teologia, passaram a ter a realidade dos fatos como o centro de interesse.

Como o próprio nome deste período sugere, o Humanismo foi marcado por muitos estudos das Humanidades, caracterizados pela invocação dos pensamentos clássicos dos gregos e dos romanos. Assim, abandonam-se muitos dos ideais teocêntricos exaltados durante a Idade Média. Aliás, essa é a razão do nome *Humanidades* ser usado nesse contexto, oposição ao que é divino, espiritual. Tudo isso reflete a crise ideológica desse período histórico.

No entanto, é preciso ressaltar que as mudanças aqui mostradas

não significaram um total abandono do homem europeu à fé cristã. O que ocorreu (especialmente na Espanha e em Portugal) foi uma tentativa de cientificar a teologia por meio do método histórico-filológico, usando a intelectualidade para edificar a crença católica e ensinar aos crentes a mensagem bíblica. Erasmo de Roterdã¹, humanista, acreditava que era preciso conhecer as línguas eruditas para uma compreensão mais aprofundada do cristianismo (RODRIGUES, 1981).

O Humanismo marca a transição entre o mundo medieval e o renascentista – o mundo teocêntrico e o mundo antropocêntrico. Esse período experimentou o surgimento de uma nova classe social: a mercantilista, que se tornou responsável pelas relações comerciais. No formato do mercantilismo, o Estado toma uma série de medidas econômicas e forma os Estados-nacionais e a unificação do mercado interno. Foi justamente nesse mundo que a expansão ultramarina teve lugar, resultando na colonização de grande parte do continente americano.

Devido à aproximação das cidades, grandes centros urbanos tendem a aparecer e isso causa uma transformação na paisagem física e social. A cultura centro-eclesiástica começa a não dar conta de responder aos anseios dessa nova sociedade em profundas transformações. Como o conhecimento passa a ter maior fluxo (ou o seu fluxo passa a ter menos impedimentos), Igreja não tem mais a exclusividade do acervo cultural (graças ao advento da imprensa e o surgimento de bibliotecas em contextos seculares). Isso cria condições para solidificação da cultura escrita e propaga o desenvolvimento da prosa literária, além de intensificar da língua portuguesa. Esse é o cenário no qual as grandes navegações do século XVI tiveram seu início.

Em relação aos portugueses, sabe-se que iniciaram sua empreitada marítima já no século XV (com a conquista de Ceuta, cidade islâmica no

1 Erasmo de Roterdã (1466-1536, holandês) foi um filósofo humanista e teólogo que percorreu vários países europeus divulgando seus estudos.

Norte da África) e esse empreendimento se prolongou pelo século XVI. O ato dos portugueses — e dos espanhóis — é de grande importância para a História Mundial, já que resultou num redesenho do mapa do mundo conhecido até aquela época. Pode-se dizer que a necessidade de abrir novas rotas comerciais e conquistar terras para a nobreza foram duas relevantes razões que motivaram Portugal nessa causa. Além disso, a ausência de guerras internas no território de Portugal e o modo como o Estado português era organizado podem ter representado uma vantagem que viabilizou a construção e o envio de embarcações.

É conhecido também o fato de Portugal não atravessar um momento de grande prosperidade no período referido, logo sair em busca de novas terras representava um negócio digno de ser feito. A coroa portuguesa não possuía metal² o suficiente para cunhar moedas, e os produtos agrícolas estavam em escassez, além da urgência em expandir os mercados. Os portugueses aproveitaram-se de sua posição geográfica e investiram no Oceano Atlântico, já que a rota entre o Oriente e a Europa já estava monopolizada pelos árabes³.

Os portugueses, ainda no século XV, tinham aperfeiçoado diversos instrumentos de navegação que revolucionaram a náutica da época, como, por exemplo, o quadrante e o astrolábio (FAUSTO, 2006). Além disso, eles desenvolveram um novo modelo de barco: a caravela. Esta começou a ser usada em 1441 e era veloz para a época. Tal embarcação foi amplamente usada em viagens ao Brasil.

Somados a esses fatores econômicos e tecnológicos, o historiador Boris Fausto acrescenta outra causa para a expansão marítima portuguesa: o interesse pela aventura, pelo desconhecido:

2 Na verdade, a crise do metal não era exclusividade portuguesa; outras nações europeias sofriam o mesmo.

3 Os árabes traziam do Oriente especiarias como cravo, pimenta, canela, óleos, gengibre, perfumes, drogas medicinais. Eles tinham uma rota terrestre e vendiam os produtos para Gênova e Veneza, que se encarregavam de revender para o resto da Europa.

Há cinco séculos, estávamos muito distantes de um mundo inteiramente conhecido, fotografado por satélites, oferecido ao desfrute por pacotes de turismo. Havia continentes mal ou inteiramente desconhecidos, oceanos inteiros ainda não atravessados. As chamadas regiões ignotas concentravam a imaginação dos povos europeus, que aí vislumbravam, conforme o caso, reinos fantásticos, habitantes monstruosos, a sede do paraíso terrestre (FAUSTO, 2006, p. 23).

Esta primeira seção se propôs a mostrar um pouco do mundo em que a carta do Padre Anchieta foi composta. Com isso, espera-se ter apresentado uma melhor compreensão das observações literárias que serão feitas nesse texto. A seguir, serão destacados dados biográficos e traços importantes da vida do referido religioso.

José de Anchieta

José de Anchieta nasceu no dia 19 de março de 1534 em Tenerife, Ilhas Canárias, Espanha. Era filho de um fidalgo basco, José Lopez de Anchieta, e Mência Dias de Clavijo y Lerena, natural da ilha, descendente dos conquistadores de Tenerife. Teve a oportunidade de aprender as primeiras letras em seu lar e, ainda moço, na idade de 14 anos, foi para Coimbra com um de seus irmãos, onde estudou no Real Colégio das Artes (anexo à Universidade de Coimbra) na presença de religiosos dominicanos. Em 1550, ingressa no Colégio dos Jesuítas de Coimbra. Em 8 de maio de 1553, aos 19 anos de idade, José de Anchieta deixa Portugal rumo ao Brasil, fazendo parte da terceira expedição jesuítica. A esse respeito escreve Kaltner:

Podemos observar que a chegada de Anchieta ao

Brasil, com Duarte da Costa, é concomitante com a fundação dos colégios e escolas jesuíticos, quando a política de conversão do gentio oficialmente passa a ser uma política colonial, conforme teremos em 1554 o Colégio de São Paulo em Piratininga (KALTNER, 2009, p. 36).

Ele tinha sido enviado por Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Desembarca em Salvador em 13 de julho. Foi ajudante do padre Nóbrega em uma missão em Piratininga, em janeiro do ano seguinte. Precisamente no dia 25 de janeiro de 1554, foi comemorada a festa litúrgica pela conversão do apóstolo Paulo e, por isso, o nome São Paulo foi dado à missão naquela localidade – Anchieta estava presente. Esse dia é reconhecido como o marco da fundação da cidade de São Paulo.

Em Piratininga, Anchieta trabalhou no Colégio das Artes, que seguia o modelo do colégio de Coimbra, e atuou como professor de língua portuguesa e latim aos filhos dos indígenas e portugueses. Ademais, o missionário estudou a língua local e foi capaz de escrever a primeira gramática da língua tupi⁴ – obra de grande valor para a linguística indígena no Brasil. Na língua dos índios, escreveu o catecismo e peças teatrais, além de hinos religiosos. Como era habilidoso com as palavras, compôs poemas em português, latim, tupi e guarani.

Em termos políticos, a inserção dos índios na cultura portuguesa por meio do catolicismo era necessária, já que os franceses lutavam para inaugurar uma colônia no território do Brasil. Assim, por intermédio da conversão das comunidades indígenas ao cristianismo, os portugueses marcavam ainda mais o território conquistado e o protegia (KALTNER, 2009).

Ainda na província de São Vicente, Anchieta atuou na negociação de

4 A obra é chamada *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil* (1595). É muito possível que, mesmo antes desse ano, esboços do livro já eram utilizados no Colégio da Bahia. A primeira edição, que foi impressa em Coimbra, conta hoje com 12 cópias.

paz entre os portugueses e os índios tamoios e até mesmo se rendeu como refém aos índios, passando a viver cinco meses com eles. Nesse período entre os tamoios, o religioso escreveu um poema⁵ dedicado a Maria, mãe de Jesus Cristo. Anos depois, em 1566, recebeu a ordenação sacerdotal na Catedral de Salvador. Tinha, então, 31 anos de idade. No ano seguinte, 1567, o padre participou de maneira exitosa da expulsão dos franceses do Rio de Janeiro (PORTELLA, 2005).

Em janeiro de 1567, viaja ao Rio de Janeiro com o padre Manuel da Nóbrega para fundar o colégio local. Entre os anos de 1570 e 1573, ele assume a posição de reitor da instituição. Já nos anos seguintes, retorna a São Vicente e se torna responsável pelo trabalho de catequese de índios Tapuias⁶. Durante esse tempo todo, o padre espanhol escrevia longas cartas relatando pontos de suas atividades missionárias aos superiores da Companhia de Jesus⁷. Seu estilo textual é o de um bom observador, pois relatava com atenção os usos e costumes dos habitantes do Brasil, constituindo essas cartas importante documentação para os estudos antropólogos, históricos, linguísticos e literários, por conterem continham informações sobre a flora, a fauna, o clima e a geografia do Brasil. Também era possível obter informações econômicas da colônia com o auxílio dos escritos do padre José de Anchieta.

Seu poema épico chamado *De Gestis Mendi de Saa* [*Os atos de Mem de Sá*] foi impresso em 1563. Esse texto, escrito em latim, trazia homenagem a Mem de Sá, que foi responsável pela luta contra os franceses que invadiram as colônias de Portugal. O poema narra o evento no Rio de Janeiro conhecido como “França Antártica”. É considerado por muitos o

5 O famoso poema de Anchieta dedicado a Maria é uma recordação dos sofrimentos pelos quais ela passou ao ver Jesus Cristo sendo açoitado e crucificado.

6 Termo utilizado no Brasil Colônia para se referir aos indígenas que não falam o Tupi antigo.

7 A Companhia de Jesus, *Societas Jesu*, em latim, foi fundada em 1534 por Inácio Loyola. A razão de seu surgimento se devia ao advento do protestantismo na Europa (KALTNER, 2009) e proposta de “guardar” os fiéis contra essa nova doutrina que, de maneira forte, circulava em alguns países europeus. Inicialmente sua missão era recuperar fiéis católicos em países como Áustria e Polônia. Mais tarde, o projeto se desdobrou em outros interesses.

primeiro poema épico da América e pelos versos nota-se as características do estilo utilizado por autores humanistas.

De acordo com os relatos, sabe-se que o padre Anchieta, muito embora tenha tido muitos problemas de saúde em sua vida inteira, foi um sacerdote muito interessado pelo próximo e tinha um cuidado especial aos pobres e doentes. Preocupava-se com os negros escravizados e também com os índios em perigo. O apreço pela educação foi marca inquestionável de seu trabalho. Falece em Reritiba – hoje Anchieta – no Espírito Santo, em 9 de junho de 1597, devido a uma doença. Dos seus 64 anos de vida, 44 foram em terras brasileiras – uma existência dedicada à Companhia de Jesus. Passou a ser reconhecido como “Apóstolo do Brasil”⁸. Recentemente, ele foi canonizado⁹ pelo Papa Francisco pelo seu exemplo de evangelização e responsabilidade pelo próximo.

Historiografia Linguística

Este artigo se debruça sobre os princípios metodológicos da historiografia linguística. Historiografia linguística (doravante HL) é uma “disciplina que surgiu na década de 1970 e tem sua cientificidade cada vez mais testada pelo círculo acadêmico que a circunda, uma vez que pesquisadores elegem métodos como propiciadores do fazer investigativo” (LIMA, 2016). Fundados a partir dos anos 1970, periódicos como *Historiographia Linguistica* (1974), *Histoire, Épistémologie, Langage* (1979), *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (1991), *Revista Argentina de Historiografia Linguística* (2009), entre outros, são destaque nessa área que possui um GT de Historiografia da Linguística Brasileira na Associação

8 Um filme sobre a vida do padre foi feito no Brasil e lançado em 1979 com a direção do cineasta Paulo Cesar Saraceni: Anchieta, José do Brasil.

9 O processo de canonização do padre Anchieta tinha sido aberto 400 anos atrás.

Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL).

O GT da ANPOLL, criado em 1996, conta, entre outros, com os principais pesquisadores da área nas últimas décadas; entre eles destacam-se: Cristina Altman, José Borges Neto, Leonardo Kaltner, Marli Quadro Leite, Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, Ricardo Cavaliere e Ronaldo Batista. O Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, possui linha de pesquisa voltada ao tema, assim como grupo de pesquisa especializado e interinstitucional.

Em um campo que conta com variados pesquisadores, vale destacar algumas definições que envolvem a HL. Cristina Altman, por exemplo, em seu texto intitulado *História, estórias e historiografia da linguística brasileira* afirma que:

[...] a historiografia linguística tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes que, por sua vez, geraram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidade e descontinuidade, de avanços e de retomadas, inerentes à busca de conhecimento (ALTMAN, 2012, p. 22).

Esse processo de continuidade e descontinuidade evidencia o registro do valor histórico que se encontra da carta referida de José de Anchieta. Não se pode negar que o texto presente em *Ao geral Lainez, de Piratininga, março de 1562, recebida em Lisboa a 20 de setembro do dito ano* tem seu conteúdo repleto de elementos condizentes com o contexto em que estava inserido seu autor. Consoante Batista (2013, p. 51), um dos esboços da HL é “a busca por um olhar interpretativo que procura entender as razões de determinado trabalho apresentar as características que o definem”, isto é, compreender qual concepção linguística existe em autores e obras a serem estudados.

O século XVI possui particularidades que estão expressas na carta de Anchieta e que são importantes de serem identificadas pelos leitores. Sobre esse ponto, falaremos mais detidamente adiante, mas destacamos que os princípios de pesquisa historiográfica de Koerner (1996), citados por Batista (2013) – a saber: contextualização, imanência e adequação – foram de grande valia para contextualizarmos a obra de Anchieta na produção literária/linguística do Brasil no século XVI.

Sobre os princípios, tem-se que: a *contextualização* refere-se “ao estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral dos períodos em que as teorias se desenvolveram” (KOERNER, 1996, p. 60); a *imanência*, como segundo passo a ser seguido pelo historiógrafo, constitui-se da análise do conteúdo linguístico intrínseco ao texto, contudo essa etapa deve ser feita com cautela, para que não haja interferências externas; e, por último, tem-se a *adequação*, que é a análise comparativa da HL com teorias contemporâneas, princípio também proposto por Koerner (1995).

Ademais, a Historiografia Linguística tem o compromisso de relatar, de modo descritivo e explicativo e com base na ciência, como o conhecimento linguístico tem tomado a sua forma (SWIGGERS, 2013). Ainda de acordo com Swiggers (2013), o fazer HL consiste no ato de observar, ler e interpretar criticamente o percorrer evolutivo do que se conhece por conhecimento linguístico. Ainda de acordo com o historiador francês, existem três passos extremamente importantes para a pesquisa historiográfica. A tabela a seguir esquematiza as etapas:

Tabela 1– Etapas da HL

| Método heurística | Método hermenêutica | Método de redação histórica |
|---|--|---|
| Fase que consiste em buscar o <i>corpus</i> e achar as fontes apropriadas para a pesquisa em questão. Checar a veracidade da fonte. | “Hermes”, na cultura clássica, era o deus mensageiro que interpretava a vontade dos deuses para os homens. Por esse motivo, nesta etapa da pesquisa, a ênfase é a interpretação contextualizada. Inclui relação entre textos, autores e período histórico. | Representa a fase da reconstrução da história. O autor decide o que contar (ou não). A maneira de narrar o passado linguístico é uma proposta do autor. |

Fonte: elaboração própria

Este artigo baseou-se no modelo metodológico acima para construir a breve investigação aqui realizada. Visando comunicar mais claramente como a metodologia foi empregada, uma tabela, semelhante a composta acima, será apresentada.

Tabela 2 – Modelo metodológico da HL

| Método heurística | Método hermenêutica | Método de redação histórica |
|--|---|--|
| A carta intitulada <i>Ao Geral Lainez, de Piratininga, Março de 1562, recebida em Lisboa a 20 de setembro do dito ano</i> escrita por José de Anchieta é o <i>corpus</i> desse trabalho. | ‘Hermes’ na cultura clássica era o deus mensageiro que interpretava a vontade dos deuses para os homens. Nessa fase da pesquisa, a ênfase é a interpretação contextualizada. Relação entre textos, autores e período histórico. | A feitura de uma análise da carta de José de Anchieta com o foco no pensamento linguístico do século XVI. Sendo assim, diversos outros aspectos não são mencionados. |

Fonte: elaboração própria

Lima (2016) menciona ainda que Swiggers (2009) apresenta também três fases que compõem os trabalhos da HL, a saber: i) a fase da documentação, ii) a fase da análise e interpretação e iii) a fase da exposição dos resultados. Este artigo não deixa de seguir também essa proposta, uma vez que a primeira parte do trabalho consistiu em buscar os documentos necessários (neste caso, a carta de José de Anchieta). Logo após houve um esforço para encontrar uma interpretação adequada, condizente com o contexto histórico e o levantamento das relações que pudessem revelar o pensamento linguístico no mundo quinhentista. Finalmente, como última fase, expor o que se aferiu com uma relação com os dias do presente.

Como já mostrado neste artigo, as cartas do padre espanhol são de grande valor e registro histórico para a Igreja Católica, Portugal e Brasil. Esses textos são importantes testemunhos da ação e da reflexão missionária desenvolvida no Brasil. Dentre vários tópicos contidos nessas cartas, os seguintes podem ser destacados: i) a sistematização do modo de vida dos “brasis”, seus hábitos, suas crenças, as diferenças entre as etnias, as guerras entre elas; ii) a pedagogia altamente religiosa aos índios imposta; iii) as técnicas de evangelismo a eles aplicadas (crianças e mulheres tinham menos resistência ao batismo do que os homens adultos); e iv) problemas socioculturais gerados pelo contato de europeus e índios brasileiros (obstáculos não apenas de ordem cultural, mas de biológica, muitos missionários se enfermavam também).

Leitura da carta de José de Anchieta

Após a apresentação do contexto histórico do século XVI, comentários biográficos sobre o padre Anchieta e sobre a metodologia da HL, a leitura da carta escolhida será feita. A seguir, o leitor poderá encontrar

partes do referido texto¹⁰:

AO GERAL DIOGO LAINEZ, DE PIRATININGA,
MARÇO DE 1562, RECEBIDA EM LISBOA A 20 DE
SETEMBRO DO DITO ANO (200).

PAX Christi.

O ano passado de 61, no mês de Julho, se escreveu largamente por a segunda via em este mesmo navio, havendo já sido a primeira enviada por outro antes, mas esse não pôde chegar pelos ventos contrários, e por isso tornou a arribar [...].

Nossa conversação com os próximos é a costumada: ocupamo-nos na doutrina das cousas da fé e mandamentos de Deus com as mulheres dos Cristãos, e seus escravos e escravas, nestes lugares em que dispargidos sempre se colhe algum fruto pela bondade do Senhor, assim em apartá-los de pecados, como em algum pouco sua grande dureza em o conhecimento de Deus nosso Creador e Senhor, e ajudando-os a bem morrer, para o qual comumente somos chama- dos, assim para os brancos como para seus escravos, aos quais é necessário acudir a diversos lugares, por mar e por terra, onde fazem suas habitações. Em o qual ás vezes o trabalho é grande, que se dobra com a pouca consolação que se recebe do pouco fruto que dão campos lavrados com tantos suores. Mas basta-nos salvar uma só alma, ou, para melhor dizer, ser cooperadores de Deus em sua salvação. [...].

O estudo da gramática se continuou até o mês de Novembro em S. Vicente com o número de estudantes de que em as letras passadas faço menção; mas foi tanta a esterilidade dos mantimentos que

10 O texto completo pode ser encontrado através do link: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or84081/or84081.pdf. Acesso em: 13 jun. 2019.

nem por muito trabalho que em isto se pôs pôde haver provisão bastante de farinha e pão da terra, nem os moradores o tinham para si nem para nós outros, pelo qual foi necessário que nós viéssemos a esta Piratininga, onde é a abundância maior. Aqui se prossegue o estudo com os nossos que são recebidos para escolares, e com alguns de fora, os quais continuam suas confissões (como é costume) cada quinze dias e cada oito dias; seu proveito em o estudo pouco é, ainda que por outra parte se pôde dizer muito, considerada com a rudeza dos engenhos brasílicos e criados em o Brasil, que tanto monta. Também aqui nos ocupamos em a doutrina dos escravos e mulheres dos Portugueses, a qual sempre se continua duas vezes por dia com confissões a miúdo e comunhões algumas vezes. Acudimos a todo gênero de pessoa, Português e Brasil, servo e livre, assim em as cousas espirituais como em as corporais, curando-os e sangrando-os, porque não ha outro que o faça, e principalmente as sangrias são aqui mui necessárias, porque é mui sujeita esta terra a priorises, maximè em os naturais dela [...].

Com os Brasis, nossos antigos discípulos, que com tanto afã e trabalho andávamos criando, não temos conta alguma, e digo não temos, porque eles se hão feito indispostos para todo bem, dispersando-se por diversas partes, onde não podem ser ensinados, e assim tornam-se todos aos costumes de seus pais; mas contudo não deixamos de visitá-los de quando em quando, trazendo-lhes á memória o batismo que hão recebido e os mandamentos de Deus, e sempre se batizam alguns de seus filhos inocentes, que levam ao céu em sua inocência, e alguns dos grandes vêm algumas festas do ano á Igreja e a confessarem-se pela Quaresma e quando vão ás suas guerras; mas o mais deles vivem como dantes, maximè aqueles que tiveram melhor conhecimento das cousas da Fé, como os moços e moças que se criaram de pequenos na doutrina, os quais todos são perdidos; mas Nosso

Senhor não deixa de castigá-los com doenças e mortes, porque os que se apartaram de nós outros não fazem senão morrer aqui e acolá, por suas malditas habitações, sem confissão, uns amancebados, outros com os feiticeiros, que pensam lhes dão saúde, á cabeceira; (ANCHIETA, 1933, p. 177-180).

A carta mostrada acima se encontra numa coletânea publicada em 1933 intitulada *Cartas, formações, fragmentos históricos e sermões do Padre José de Anchieta, S. J. (1554-1594)*, pela então editora Civilização Brasileira¹¹, com sede no centro do Rio de Janeiro. “Ao Geral Diogo Lainez, de Piratininga, Março de 1592, recebida em Lisboa a 20 de setembro do dito ano” é o título dado à carta em questão. Os objetivos deste escrito são: i) comunicar os trabalhos realizados e a pouca efetividade da catequese; ii) a performance do padre Nóbrega; iii) a transferência da aula de gramática de São Vicente para Piratininga; e iv) o mau comportamento de um grupo de índios.

Apresentados os objetivos gerais da carta, comentários mais específicos sobre o texto serão tecidos a seguir (sempre tendo em foco o pensamento linguístico do século XVI) e em consonância com os princípios da *contextualização* de Koerner (1995; 1996).

Em primeiro lugar, nota-se uma linguagem bastante religiosa, influenciada pela catequese e pelos estudos teológicos em geral, durante todo o discurso do padre, no qual se encontram diversas expressões de cunho cristão como “salvação”, “alma”, “Creador” entre outras. Essa característica não é exclusividade dessa carta apenas, mas de todas as outras contidas nessa obra. Trata-se de um tipo de gênero textual que era, aparentemente, muito comum nessa época.

A expressão “estudo de gramática” (ANCHIETA, 1933, p. 178) surge na carta como uma atividade que estava sendo desenvolvida pelo autor

11 A editora Civilização Brasileira, fundada em 1929, foi incorporada em 2000 ao Grupo Record Editorial.

até o mês de novembro do ano em questão, em São Vicente. Essas aulas, no entanto, foram interrompidas pela falta de alimentos. Tal problema agravou-se de tal modo que nem mesmo os moradores nem os religiosos católicos tinham o que comer (na carta, o missionário usa a expressão “esterilidade de mantimentos”). A consequência dessa dificuldade foi a mudança para a localidade conhecida como Piratininga, dando a entender que ali havia uma escola. É interessante acrescentar aqui a diferença entre “escola” e “colégio” no século XVI. O primeiro termo se refere aos ensinamentos elementares como a alfabetização que os jesuítas ofereciam aos filhos dos indígenas. Já “colégio” representava um nível de estudos um pouco mais alto constituído pelas artes liberais (trívio, quadrívio e escolástica). As escolas eram, portanto, no século XVI, embriões de possíveis colégios futuros e um centro social onde os valores cristãos eram ensinados.

Além disso, é relevante mencionar que o projeto educacional que foi colocado em prática pela Companhia de Jesus em terras brasileiras era parte dos planos portugueses de colonização (BITTAR; FERREIRA, 2012). Isso porque havia uma intenção de proteger o Brasil de qualquer possibilidade de influência protestante e ampliar os interesses mercantis.

Em Piratininga, de acordo com a carta, os estudos continuam “com os nossos” (provavelmente os indígenas, já que a missão deles consistia no ensino desse povo) e também “alguns de fora”. Digno de nota o fato de não haver separação entre o ensino religioso e o ensino tradicional no século XVI no Brasil. De fato, um dos instrumentos de ensino, a conhecida *Grammatica da Língua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja* (1539) - de autoria do português João de Barros - já carrega no próprio nome a ligação entre a fé católica e o ensino das letras. Esse material é talvez o primeiro recurso didático ilustrado (em estilo gótico) impresso da História e tinha como propósito informar aos alunos os fundamentos básicos da Igreja (os sacramentos, os Dez Mandamentos, o Pai-Nosso entre outros) além de noções de ortografia, morfologia (letras, sílabas e

acentuação), entre outros pontos.

Anchieta comenta o baixo rendimento escolar em Piratininga, mas ao mesmo tempo leva em consideração o contexto político-social em que seus alunos se encontravam: “a rudeza dos engenhos brasílicos e criados em o Brasil” (ANCHIETA, 1933, p. 178). Mais uma vez elementos da HL aparecem em nossa análise, visto que é preciso pensar o texto inserido em seu contexto. Seguindo essa linha de pensamento, o padre registra que os “brasis” apresentam indisposição para aprender e seguir “todo o bem”. Em outras palavras, muitos indígenas não demonstravam interesse em serem doutrinados e discipulados pelos missionários. Muitos deles fugiram para não estudar (ANCHIETA, 1933, p. 179) e voltaram aos “costumes de seus pais”. Era trabalho dos padres insistir na ruptura das tradições indígenas locais e substituí-las pelos costumes europeus – tal característica reflete o modo como o mundo europeu, no auge do pensamento humanista, enxergava o novo mundo.

Contemporâneo de José de Anchieta, o padre Manuel da Nóbrega, em uma de suas cartas ao também padre Diego Laynes, defende vorazmente a importância e a implantação de instituições educacionais no Brasil que, segundo ele, se fazia necessária para salvar as almas dos indígenas. Para Nóbrega, era preciso usar de todos os meios possíveis para alcançar as pessoas para a Igreja, sendo a escola uma delas (BITTAR; FERREIRA 2012), logo é possível enxergar a íntima relação entre catolicismo e pensamento linguístico do século XVI ligada aos valores humanistas.

Palavras finais

Este breve texto trouxe comentários sobre a carta do padre José de Anchieta intitulada *Ao Geral Lainez, de Piratininga, Março de 1562, recebida em Lisboa a 20 de setembro do dito ano*. Todas as anotações

referentes a esse escrito histórico tinham como objetivo principal revelar e refletir o pensamento linguístico do século XVI. Para tal, os pressupostos metodológicos da Historiografia Linguística foram usados. As etapas de contextualização, imanência e adequação, somadas aos métodos da heurística, hermenêutica e de redação-histórica foram basilares em nosso estudo.

Houve, além disso, um levantamento histórico-cultural do mundo ao qual a carta pertencia, com a finalidade de mostrar uma correta contextualização e uma apresentação de alguns pontos importantes da vida do padre José de Anchieta, conhecido como o “Apóstolo do Brasil”. Foi significativo destacarmos isso, pois como afirma Batista:

O objeto da Historiografia Linguística é construído, no sentido de que é uma representação dos conhecimentos que temos a respeito da história, com quem mantém uma relação de iconicidade parcial. [...], o objeto varia conforme nossos conhecimentos da história – das diferentes épocas históricas e dos meios sociais e étnicos diferentes (BATISTA, 2019, p. 41).

De valor incalculável para a História luso-brasileira, as cartas de José de Anchieta (dentro de um olhar pedagógico) dialogam muito bem com o sistema escolar dos dias de hoje no Brasil em alguns aspectos. Algumas das adversidades enfrentadas pelo sacerdote católico assemelham-se às enfrentadas pelos professores da contemporaneidade. Anchieta reportou a falta de comida e a conseqüente interrupção de um projeto de ensino. Hoje a falta de merenda escolar em comunidades pobres atrapalha intensamente os projetos pedagógicos de muitas unidades escolares espalhadas por todo país. Muitas vezes isso é causado por uma administração corrupta, desvio de verba ou falta de repasse de alimentos para a escola. Isso dado, muitas crianças apresentam baixo rendimento escolar devido à falta de nutrientes

e energia biológica, fatores que contribuem para uma aprendizagem defasada. Percebe-se que, desde o Brasil quinhentista até hoje, é necessária uma atenção maior nesse quesito.

O padre também abordou, na carta estudada, o abandono de índios às escolas, o que também se relaciona com o país de hoje, que lida com alta evasão escolar. É claro que os motivos pelos quais os índios não queriam passar horas com os jesuítas não são os mesmos que afastam as crianças e jovens da escola hoje; entretanto, a consequência é equiparada em ambos os casos. Quando Anchieta mostrou compreender a razão por que indígenas não apresentavam boa produtividade escolar (devido à vida dura de trabalho nas lavouras e engenhos), pode-se fazer facilmente uma ponte com a realidade de hoje. Alguns dos motivos da evasão escolar nos dias de hoje são: a violência urbana, o acesso limitado às escolas (principalmente em regiões rurais), gravidez na adolescência, pobreza (péssimas condições de alimentação, vestuário e higiene, falta de acesso aos materiais escolares e internet, falta de condições para chegar às escolas etc.), falta do sentimento de pertencimento escolar entre outros.

Referências

ALTMAN, Cristina. História, Estórias e Historiografia da Linguística Brasileira. *Revista todas as letras*, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012.

ANCHIETA, S. I., Pe. José de. *Arte de Grammatica da lingoa mais falada na costa do Brasil*. Coimbra. 1595.

ANCHIETA, S. I., Pe. José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Anchieta*. Organização, introdução e notas de Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: ABL, 1933.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Historiografia da Linguística*. São Paulo:

Cortez, 2019.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JR, Amarilio. Artes liberais e ofícios mecânicos nos colégios jesuíticos do Brasil Colonial. *Revista de Educação Brasileira*, n. 51, p. 693-751, set./dez. 2012.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. Ed. São Paulo: Edusp, 2006.

KALTNER, L. F. *O IV livro do poema Gestis Mendi de Saa do Pe. José de Anchieta, S.I: a Latinização do Brasil Quinhentista*. 2009. Tese (doutorado em letras clássicas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

KOERNER, E. F. Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45-70, 1996.

KOERNER, Konrad; ASHER, R. E. *Concise history of the language sciences*. Oxford: Pergamum, 1995.

LIMA, Nelci Vieira. Historiografia Linguística: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. *Caderno de Pós-Graduação em Letras*, v. 16, n. 16, 2016.

MIRANDA, Margarida. Humanismo Jesuítico e identidade da Europa uma 'comunidade pedagógica europeia'. *In: Hvmalitas*. Volume 8. 2001. p. 83-111.

RODRIGUES, Manuel Augusto. Do Humanismo à Contra-Reforma em Portugal. Separata de: *Revista de História das ideias*. Coimbra, v. 3, p. 125-176, 1981.

PORTELLA, Eduardo (org). *José de Anchieta: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. *E-book*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=9DN0QSqJeHgC&oi>

[=fnd&pg=PA11&dq=jos%C3%A9+de+anchieta&ots=wnVSwyOt12&sig=I7BpUpKA732i1xwsV_TwP9js3wI#v=onepage&q=jos%C3%A9-de%20anchieta&f=false.](https://www.scribd.com/document/411111111/jos%C3%A9-de-anchieta-12?ig=I7BpUpKA732i1xwsV_TwP9js3wI#v=onepage&q=jos%C3%A9-de%20anchieta&f=false) Acesso em: 13 jun. 2019.

SWIGGERS, P. História, Historiografia da Linguística: status, modelos e classificações. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 48.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Revista Confluência*, n. 44-45, p. 40-59, 2013.

SWIGGERS, Pierre. La historiografia de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografia lingüística*, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009. Disponível em: <http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/6/18>. Acesso em: 20 out. de 2020.

Linguistic thinking in 16th Century in Brazil through the letter “Ao geral Lainez, de Piratininga, março de 1562, recebida em Lisboa a 20 de setembro do dito ano” by José de Anchieta

Abstract: *The main purpose of this article is to bring a reading proposal, anchored in the theoretical and methodological assumptions of Linguistic Historiography, of the letter written by Father José de Anchieta entitled Ao Geral Lainez, de Piratininga, março de 1562, recebida em Lisboa a 20 de setembro do dito ano. Through the analysis of the referred message, we also want to understand and uncover the linguistic thinking present in Brazil during the 16th century. To achieve these objectives, this text addresses the subject of Humanism, a historical-intellectual movement of the aforementioned period, and also brings a brief biography of the author of the letter in order to offer readers an appropriate contextualization.*

Keywords: *Linguistic historiography. José de Anchieta. Humanism.*